

## Ecoss da revolução farroupilha no Rio da Prata

Eduardo Scheidt<sup>1</sup>

Resumo: O presente artigo analisa as repercussões do movimento revolucionário farroupilha nos jornais rio-platenses que faziam oposição ao regime rosista em Montevideu e Corrientes. Constatamos que a Revolução Farroupilha foi evocada em distintas conjunturas, não somente com intuítos informativos, mas principalmente para fortalecer as lutas locais contra Rosas e estimular as alianças de facções orientais e argentinas com os sul-rio-grandenses.

Palavras-chave: Rio da Prata, idéias políticas, imprensa.

Abstract: This article analyses the repercussions of the *farroupilha* revolutionary movement in *rio-platenses* newspapers that opposed the Rosas regime in Montevideo and Corrientes. We found out that the *Farroupilha* Revolution was evoked in different occasions, not only with informative intentions, but especially to strengthen the local fights against Rosas and to stimulate the coalition of the oriental and Argentine political groups with the *sul-rio-grandenses*.

Keywords: *Rio de la Plata*, political ideas, press.

A Revolução Farroupilha, ocorrida no Rio Grande do Sul entre 1835 e 1845, esteve imbricada com as lutas que se travavam nos países platinos, especialmente entre os seguidores e opositores do então governador da província de Buenos Aires Juan Manuel de Rosas. Durante todo o período, houve intercâmbios entre os farrapos e os legalistas rio-grandenses com as facções em luta no Rio da Prata, estabelecendo-se alianças ofensivas e defensivas, acordos diplomáticos e trocas comerciais, que ignoravam as fronteiras nacionais determinadas. Naquela conjuntura, também ocorreu intensa circulação de idéias por toda a região, constituindo-se a imprensa em um veículo privilegiado para tais intercâmbios.

---

<sup>1</sup> Doutorando em História Social na USP. Pesquisa em andamento: Periodistas italianos na Região Platina (1827-1860). Financiamento: CNPq. Endereço: Rua São Caetano, 779/301. São Leopoldo – RS. 93010-090. E-mail: escheidt@usp.br.

Entretanto, os entrelaçamentos entre a Revolução Farroupilha e as lutas políticas rio-platenses foram sistematicamente negados ou minimizados pela maior parte da historiografia de cunho nacionalista, tanto brasileira e rio-grandense quanto argentina e uruguaia, que, via de regra, restringia suas análises aos territórios delimitados pelo Estados nacionais. No Rio Grande do Sul, com exceção da obra de Alfredo Varela, a historiografia sobre a Revolução Farroupilha nega tanto o separatismo quanto as possíveis influências platinas no movimento rio-grandense<sup>2</sup>. Estudos recentes, entretanto, têm rompido com esta prática, ao tomar como foco as diversas imbricações entre o Rio Grande do Sul e as repúblicas do Prata na época do movimento farroupilha<sup>3</sup>. No que tange às historiografias argentina e uruguaia, ainda é menor o número de estudos sobre intercâmbios políticos entre o Rio da Prata e o Rio Grande do Sul, bem como possíveis influências platinas entre os farroupilhas<sup>4</sup>. Uma exceção é a obra de Lucía Sala de Touron e Rosa Alonso Eloy (1991), em que as autoras analisam os entrelaçamentos entre as lutas nos países do Prata e o movimento farroupilha rio-grandense. Sala de Touron e Alonso Eloy também estudam as alianças dos farroupilhas com Lavalleja e Rosas, num primeiro momento, e com Rivera e os exilados argentinos no período de apogeu da Revolução Farroupilha.

---

<sup>2</sup> A prática de analisar a Revolução Farroupilha exclusivamente sob a ótica da história nacional teve início na década de 1930, quando autores como Aurélio Porto (1933, 1934, 1935, 1937), Dante de Laytano (1983) e Walter Spalding (1982), sob as diretrizes da “campanha de nacionalização”, passaram a defender o não separatismo e a “brasilidade” da Revolução Farroupilha, polemizando com Alfredo Varela (1933), que reafirmava sua tese sobre o separatismo do movimento. A partir da década de 1970, surgiram novos estudos, entre os quais destacam-se os trabalhos do brasilianista Spencer Leitman (1979), que retomou as teses de Varela, de Moacyr Flores (1985), que admitiu a República Rio-Grandense como soberana e independente, ainda que esta não fosse a intenção inicial dos farrapos; e os textos de Helga Piccolo (1985, 1986/87), que não avaliam o movimento farroupilha como separatista, mas como uma busca de autonomia para a então Província de São Pedro do Rio Grande do Sul.

<sup>3</sup> Ver, por exemplo, a tese de doutorado de Cesar Augusto Barcellos Guazzelli (1997), na qual o autor demonstra os entrelaçamentos da luta dos farrapos com as facções políticas em disputa no Rio da Prata, defendendo que o movimento farroupilha só pode ser compreendido no contexto das lutas rio-platenses. Outro trabalho que destacamos é o de Maria Medianeira Padoin (1999), em que é feito um estudo contextualizado do “federalismo”. A autora destacada a inserção do Rio Grande do Sul no contexto platino, que constituía-se em um espaço privilegiado de fermentação e circulação de idéias federalistas na primeira metade do século XIX. Em nossa dissertação de mestrado (Scheidt, 2000), analisamos os distintos significados de República na época da Revolução Farroupilha. Comparando o republicanismo dos farroupilhas com o dos diferentes setores da facção platina de oposição a Rosas, constatamos um intenso intercâmbio de idéias entre os farrapos e os rio-platenses ao longo de todo o período da Revolução Farroupilha.

<sup>4</sup> Semelhante aos casos brasileiro e rio-grandense, a historiografia dos países do Prata é majoritariamente influenciada pelo nacionalismo, sendo raros os trabalhos que relacionam, ou mesmo mencionam, a história dos países do Prata com a Revolução Farroupilha. Vicente Fidel Lopez (1920) aborda superficialmente esta questão. O livro de José Maria Rosa (1958) dedica um capítulo à República Rio-Grandense e suas relações com os países platinos. Na obra de Jorge Mayer (1963), são mencionados textos de Juan Bautista Alberdi,

Os laços entre o Rio Grande do Sul e os países platinos são antigos, inerentes às suas formações históricas. Os atuais territórios da campanha rio-grandense, do pampa argentino e do Uruguai constituíam-se, na época colonial, em uma unidade econômica, social e cultural, denominada de “Região Platina” pelas historiadoras Heloisa Reichel e Ieda Gutfreind (1996)<sup>5</sup>. Em todo território, constituiu-se uma formação social semelhante, tendo a pecuária nas estâncias como sua produção econômica principal. Sendo uma área de disputa entre os impérios português e espanhol, de fronteiras ainda indefinidas, a Região Platina, a despeito destas lutas territoriais, caracterizou-se por intensos intercâmbios humanos, comerciais e de idéias ao longo de todo período colonial, os quais não só deixaram marcas profundas na sociedade, como também persistiram por várias décadas após o início do processo de formação dos Estados nacionais.

Segundo o historiador argentino José Carlos Chiaramonte (1993, 1997), as identidades nacionais em todo território latino-americano eram praticamente inexistentes no momento da Independência, quando prevaleciam as identidades locais e a identidade americana. O autor afirma que a formação dos Estados nacionais foi um processo longo e tumultuado, em que as tentativas de centralização política esbarravam nas resistências das municipalidades e províncias, proporcionando a eclosão de diversas guerras civis ao longo do século XIX. Ainda conforme Chiaramonte, pelo menos até 1852, a “nação argentina” era inexistente, pois as províncias eram, na prática, soberanas e independentes<sup>6</sup>.

---

nos quais este avaliava a Revolução Farroupilha como similar ao “maio de 1810” e defendia o estabelecimento de alianças dos opositores ao regime rosista com os farrapos rio-grandenses.

<sup>5</sup> As autoras elaboraram seu conceito de “Região Platina” a partir da geografia crítica. Para os profissionais desta área, uma “região” deixou de ser definida como um espaço físico, dissociado do homem, passando a ser caracterizada como uma totalidade, em que há uma forma espacial de reprodução de capital e de relações sociais, construída pela ação humana. Reichel e Gutfreind, entretanto, ampliaram o conceito de “região”, não se limitando às contribuições da “geografia crítica”. Neste sentido, as autoras sustentaram que: “(...) as relações sociais estão fundamentadas em experiências concretas, vividas pelos homens, as quais fazem deles produtores de cultura. Em outras palavras, as vivências, as idéias, os sentimentos que os homens desenvolvem nas suas relações com outros homens compõem, em um espaço delimitado, a cultura de uma região.” (Reichel; Gutfreind, 1996:13). Ainda conforme as autoras, a Região Platina começou a fragmentar-se a partir do final da era colonial, quando o escravismo expandia-se no Rio Grande do Sul, enquanto a área de colonização espanhola avançava na transição ao capitalismo. Após a Independência, com o início do processo de formação dos novos Estados, a fragmentação da Região acentuou-se. Segundo Reichel e Gutfreind, entretanto, manteve-se a unidade em torno da cultura popular, com hábitos, costumes e valores comuns, tornando o uso do conceito de “Região Platina” pertinente, mesmo para períodos posteriores ao colonial.

<sup>6</sup> As teses de Chiaramonte têm suscitado polêmicas. Pilar Gonzáles Bernaldo (1997), por exemplo, tem relativizado os posicionamentos do autor. Segundo a autora, ao corretamente criticar o anacronismo de atribuir, à primeira metade do século XIX, concepções nacionalistas do final da segunda metade, Chiaramonte cometera outro anacronismo ao afirmar que não haveria identidades nacionais nas primeiras décadas após a

Do início do processo de Independência à eclosão da Revolução Farroupilha, é possível encontrar inúmeros indícios de intercâmbios políticos entre o Rio Grande do Sul e os países do Prata. Helga Piccolo, ao final de seu texto *O processo de Independência no Rio Grande do Sul* (Piccolo, 1972), reproduz um documento da época do início da luta pela Independência no Prata, produzido por platinos e dirigidos aos rio-grandenses intitulado: *Falla aos Americanos brazilianos em nome d'América, por seus irmãos, os habitantes das vastas províncias do Rio da Prata*. O documento conclamava os brasileiros a revoltarem-se contra os portugueses e proclamarem a Independência.

Em 1811, com o início das campanhas de Artigas contra a colonização espanhola, vários rio-grandenses lutaram ao lado do revolucionário platino pela Independência, entre eles, Pedro Vieira, Francisco Bicudo, Manuel Carneiro Pinto e até o futuro líder dos farrapos Bento Gonçalves (Porto, 1929:377-378). Estes contatos estabeleceram e/ou reforçaram laços de amizades entre líderes brasileiros e platinos, firmando-se práticas de alianças que ultrapassavam as fronteiras nacionais ao decorrer das décadas seguintes, incluindo-se o período do movimento farroupilha.

Segundo Alfredo Varela, a guerra da Cisplatina (1825-1828) acentuou as relações de orientais e argentinos com os rio-grandenses durante as campanhas pela libertação da então província do domínio brasileiro (Varela, 1933, v. 1:338). O autor ainda sustenta que Bento Gonçalves já mantinha contatos com Lavalleja no sentido de emancipar e unir politicamente os rio-grandenses com os uruguaios (ibid.: 333). Mesmo após o término do conflito, os intercâmbios mantiveram-se, sendo que a partir de 1829, começaram a circular no Rio Grande do Sul papéis “subversivos”, conclamando o povo a revoltar-se e a seguir o exemplo dos orientais (Varela, 1915, v. 1: 246).

Conforme as historiadoras uruguaias Lucia Sala de Touron e Rosa Alonso Eloy, o Uruguai só manteve sua independência pelo equilíbrio conflitivo entre os países

---

Independência. Segundo a autora, a “nação” já era relevante naquela época; porém, os significados da mesma eram bem distintos dos atuais. Para Gonzáles Bernaldo, a “nação” significava uma “comunidade política e cultural”. Diante de tais controvérsias, acreditamos que os posicionamentos de ambos autores têm relevância. “Nação”, na primeira metade do século XIX, tinha diversos significados, desde algo similar ao de “Estado”, conforme esclareceu Chiaramonte, até o de uma “comunidade política”, como argumentou Gonzáles Bernaldo. Chiaramonte, ainda que tenha afirmado que, via de regra, “nação”, significava quase o mesmo que “Estado”, não deixou de perceber outros significados daquele vocábulo, como a de uma “comunidade cultural hispano-americana” ou a “reunião de vários Estados”. Por outro lado, a argumentação de Gonzáles Bernaldo, ao nosso ver, sugere um peso muito excessivo às identidades nacionais do período. Neste sentido,

limítrofes e as intervenções anglo-francesas durante as guerras da primeira metade do século XIX. Os habitantes do território mantinham fortes vínculos com as populações dos países vizinhos, sendo considerável o número de rio-grandenses e argentinos proprietários de terras no Uruguai. Era freqüente, também, o estabelecimento de alianças com as facções políticas do outro lado das fronteiras, sendo comum estas buscarem refúgio em terras uruguaias quando perseguidas em seus países, assim como políticos orientais buscavam asilo tanto nas províncias argentinas quanto no Rio Grande do Sul, onde mantinham contatos com políticos locais e em comum forjavam planos de conspiração (Sala de Touron; Alonso Eloy, 1991: 111-112).

O ano de 1835 marcou o início da Revolução Farroupilha no Rio Grande do Sul e a posse, pela segunda vez, de Juan Manuel de Rosas como governador da província de Buenos Aires, cargo que iria ocupar até ser derrubado em 1852. A Revolução Farroupilha, que iniciara como um movimento reivindicatório por mais autonomia para a então província de São Pedro do Rio Grande, logo evoluiu para o separatismo e o republicanismo, com a proclamação da República Rio-Grandense, em 1836, a qual iria resistir aos partidários do regime imperial brasileiro até 1845. No Rio da Prata, apesar de Rosas formalmente ter defendido a autonomia e soberania das províncias, o mesmo tentou implantar uma política unitária, procurando submeter as demais províncias à centralização a partir de Buenos Aires. O regime rosista, entretanto, gerou oposição nas províncias do interior, bem como entre antigos unitários e, até, dissidentes do partido federal, incluindo, entre os últimos, um grupo de jovens intelectuais que ficou conhecido como a “geração de 1837”<sup>7</sup>.

---

concordamos com as argumentações de Chiaramonte de que o que prevaleciam na época, eram as identidades locais e a identidade americana.

<sup>7</sup> A “geração de 1837” surgiu a partir de um pequeno número de intelectuais dissidentes do regime rosista que fundaram, naquele ano, o “Salão Literário” em Buenos Aires. No ano seguinte, o grupo criou uma sociedade secreta, a “Jovem Argentina”. Devido às perseguições promovidas pelo regime, a maior parte dos integrantes do grupo refugiou-se em Montevideu a partir de 1838, onde fundaram a “Associação de Maio” e iniciaram uma intensa atividade de oposição a Rosas na imprensa local. O grupo foi influenciado pelo romantismo europeu, principalmente por autores como Saint-Simon e Giuseppe Mazzini. Suas obras caracterizaram-se por críticas tanto aos “unitários” quanto aos “federais”, propondo-se a criação de uma “associação”, que traria o progresso e a civilização. Passam a criticar a pura “importação” de idéias, defendendo a necessidade de se estudar a realidade local. Sob inspiração dos românticos europeus, a “geração de 1837” defendia a expressão das “individualidades nacionais”. Da mesma forma que as pessoas na sociedade, entretanto, o grupo propunha que as nações se associassem entre si, em prol da fraternidade humana. Os principais integrantes do grupo foram, entre outros, os argentinos Esteban Echeverría, Juan Bautista Alberdi, Juan Cruz Varela, José Rivera Indarte, Miguel Cané e o uruguaio André Lamas.

Em 1838, ao derrubar o presidente Manuel Oribe, Frutuoso Rivera retomou o poder no Uruguai, passando a também fazer oposição a Rosas. A partir de então, Montevideú tornou-se o centro de atuação do conjunto das forças de oposição ao regime rosista, composta pelos exilados unitários, dissidentes do Partido Federal, incluindo-se os jovens intelectuais da “geração de 1837”, representantes das províncias argentinas que resistiam à centralização de Rosas, além dos partidários de Rivera. A Revolução Farroupilha, por outro lado, expandia-se com a tomada do controle, pelos farrapos, de praticamente todo o território sul-rio-grandense, a exceção das cidades de Porto Alegre e Rio Grande. Os farroupilhas, que inicialmente tinham buscado alianças com Oribe e Rosas, a partir de 1838, passaram a aliar-se com os opositores do regime rosista, firmando-se, entre 1838 e 1844, três tratados diplomáticos com Rivera e um com a província argentina de Corrientes<sup>8</sup>.

Em trabalhos anteriores, já analisamos os intensos intercâmbios de idéias na Região Platina durante a Revolução Farroupilha (Scheidt, 2000), bem como a circulação de idéias provenientes do Prata na imprensa sul-rio-grandense (Scheidt, 1999). No presente artigo, analisaremos as repercussões do movimento revolucionário farroupilha nos jornais rio-platenses que faziam oposição ao regime rosista em Montevideú e Corrientes. Como fonte, utilizamos os jornais *El Nacional* (1838-1843), *El Iniciador* (1838-1839) e *Revista del Plata* (1839), de Montevideú, bem como *El Pueblo Libertador* (1840), *El Nacional Correntino* (1841-1842) e *El Republicano* (1843-1844), da província argentina de Corrientes. Optamos por investigar a imprensa de oposição ao regime rosista porque foi com esta facção política que os farrapos mantiveram alianças prioritárias durante a maior parte do período da Revolução Farroupilha.

### §§§

---

<sup>8</sup> As políticas de alianças, entretanto, eram complexas, marcadas por ambigüidades. Embora os farroupilhas tenham procurado, prioritariamente, estabelecer relações com o conjunto dos opositores ao regime de Rosas, como o presidente Rivera e os governantes da província argentina de Corrientes, os republicanos rio-grandenses não deixaram de procurar contatos com Rosas e Lavalleja. O “jogo duplo” nas relações externas esteve presente entre todas as facções envolvidas. Rivera, por exemplo, assumia compromissos tanto com a oposição rosista e a “República Rio-Grandense”, quanto com o Império do Brasil, sendo que freqüentemente não os cumpria. Rosas estimulava o desencadeamento da Revolução Farroupilha, mas depois posicionou-se

A Revolução Farroupilha foi divulgada, com relativa freqüência, pela imprensa platina de oposição ao regime rosista, especialmente pelo periódico *El Nacional*, de Montevideú. O governo de Rivera, entretanto, nunca posicionou-se oficialmente a favor dos farrapos, nem reconheceu a República Rio-Grandense. O Uruguai declarava-se neutro, embora assinasse acordos secretos e prestava auxílios aos farroupilhas, enquanto contactava, também, com os imperiais<sup>9</sup>.

Sendo assim, o *El Nacional* noticiava o movimento farroupilha, principalmente, através da reprodução de periódicos, ora dos farroupilhas, ora dos imperiais. Esta alternância modificava-se conforme a conjuntura. Quando os farrapos avançavam, a imprensa de Montevideú divulgava o movimento favoravelmente a eles, sendo que o contrário ocorria quando os republicanos rio-grandenses eram derrotados pelos imperiais.

Desta forma, o maior destaque à Revolução Farroupilha deu-se no ano de 1839, máxima expansão dos farrapos. A chegada destes a Santa Catarina foi bastante destacada por *El Nacional*, o qual reproduziu vários extratos de *O Povo* sobre o surgimento da “República Catarinense”. Na edição de número 252 de *El Nacional*, de 24/09/1839, por exemplo, publicou-se o texto *Rio Grande. Cuartel general en la Villa Setembrina*. O texto relatava as vitórias em Laguna, sinais da “regeneração do Estado Catarinense”. Já nos números 282 e 283 de *El Nacional*, de 02 e 04/11/1839, foram reproduzidas traduções de diversos extratos do periódico farroupilha *O Povo*. A maior parte tratava-se de boletins militares sobre as vitórias farrapas em Laguna. Em todos os textos, havia a consigna *Libertad – Igualdad – Humanidad*<sup>10</sup>.

Foi também neste mesmo ano de 1839, que publicaram-se muitos textos de platinos, especialmente os da “geração de 1837”, com referências e avaliações do

---

contra a mesma e ao lado do governo brasileiro. Da mesma forma, conforme a conjuntura do momento, o Rio Grande do Sul também buscou, ora a aliança com Rosas, ora com seus opositores.

<sup>9</sup> Segundo nosso ponto de vista, o denominado “jogo duplo” de Rivera tinha suas razões pragmáticas. Rivera tentava manter a autonomia uruguaia, buscando evitar conflitos com os Estados vizinhos. Seu auxílio aos farrapos era uma forma de enfraquecer o Império e afastar, assim, as possibilidades de novas intervenções brasileiras no Uruguai. A oficial “neutralidade” e os contatos com os representantes do Brasil objetivavam, justamente, não dar motivos a alguma intervenção brasileira em território uruguaio.

<sup>10</sup> Esta consigna era originária dos italianos seguidores de Giuseppe Mazzini e era também utilizada, como epígrafe, em muitos periódicos rio-platenses, como o próprio *El Nacional* e o jornal farroupilha *O Povo*. O contato com o ideário mazziniano deu-se através da convivência com exilados políticos italianos que estavam na Região Platina durante o período analisado. Entre estes, destacamos os jornalistas Luigi Rossetti, redator do periódico *O Povo* durante suas primeiras 42 edições e Gian Battista Cuneo, que contribuiu para o *El iniciador* e *El Nacional* de Montevideú.

movimento rio-grandense. Entre as obras dos autores deste grupo, um dos documentos mais importantes, produzidos sobre a Revolução Farroupilha, foi o prefácio da obra *Crónica dramática*, escrito por Juan Bautista Alberdi. O prefácio, intitulado *A los republicanos del Rio Grande*, foi uma homenagem ao movimento farroupilha. O texto foi publicado em *El Nacional*, assim como uma tradução para o português foi reproduzida em *O Povo*<sup>11</sup>. Alberdi iniciou seu texto saudando o surgimento de mais uma República na América, o que significaria, para o autor, o primeiro indício do fim do Império. Como um convicto republicano, Alberdi considerava o regime monárquico brasileiro uma anomalia para o continente: “*No está en la monarquía el remedio, sino el mal. Ni está en la república el escollo, sino en la mala organización de la república. (...) Hallar la formula constitucional de las nuevas Repúblicas de América – he aquí el problema político del nuevo mundo.*” (Alberdi, 1960:13).

Alberdi valorizou o movimento farroupilha, respondendo às críticas dos “céticos”, segundo os quais, o povo rio-grandense não estaria preparado para uma revolução republicana ou que faltariam “luzes” aos líderes farrapos. Segundo Alberdi, entretanto, o simples fato do movimento farroupilha haver se auto-proclamado republicano, já seria um indicativo de sua vitória:

Nada entre tanto de menos grande y menos baronil, que el reprobar las tendencias republicanas del Rio Grande. Porque a más de ser legítimas, son irrevocables: subordinan ya las voluntades de los nuevos republicanos, los arrastran a su pesar, circulan en su sangre, y no los permitirían retroceder a ellos mismos aun cuando llegasen a intentarlo. La obra es ya más fuerte que los autores: ellos han abierto un torrente que los llevaria por delante si se dutiviesen a contenerlo. (id., ibid.:13).

Para Alberdi, a principal força da Revolução Farroupilha consistia no republicanismo. Além disso, o que mais se destacava nesta obra de Alberdi era a aproximação ideológica do movimento farroupilha com as revoluções do Prata. Para o autor, ambos movimentos, ao partilharem do mesmo ideário republicano, estariam fazendo parte de um processo revolucionário maior, de todo continente americano. Desta foram, segundo Alberdi,

---

<sup>11</sup> O referido prefácio de Alberdi, dedicado aos revolucionários rio-grandenses, foi publicado pelo *El Nacional*, Montevideu, n.º 251 e 252, de 23 e 24/09/1839. Uma tradução para o português foi publicada em *O Povo*, Caçapava, n.º 120 e 123, de 20 e 30/11/1839.



Aunque se quiera desconocerlo, la insurrección del Rio Grande no es más que el desenvolvimiento más reciente del movimiento de Mayo, un resultado necesario de 1810, un paso más de la revolución americana, la última conquista del principio regenerador del nuevo mundo, la consecuencia más moderna de los trabajos consagrados por Moreno y completados por Bolívar. (...)Es de necesidad concederla esta filiación, porque es la suya. Ultimo anillo de una cadena de acontecimientos, todavía inacabada, que comienza en Filadelfia en 1776, continúa en Buenos Aires en 1810, sube al Ecuador en los años inmediatos, reaparece hoy en un confín del Brasil, para concluir mañana en Rio de Janeiro, la revolución que ha comenzado en Rio Grande es el colorario inevitable de la revolución de un Mundo. (id., ibid.:14).

Para este representante da “geração de 1837”, portanto, a Revolução Farroupilha enquadrava-se nos movimentos republicanos de toda América, identificando-se com a Revolução de Maio, sempre evocada pelos integrantes da “nova geração”<sup>12</sup>. Estas analogias do movimento farroupilha com as revoluções rio-platenses foram expressas, também, em outros textos produzidos por rio-platenses, também publicados pela imprensa dos países platinos.

Em um texto publicado originalmente pelo periódico *Revista del Plata*, posteriormente traduzido e reproduzido na imprensa rio-grandense, ao se referir ao surgimento da República Rio-Grandense, afirmou-se que “*Um movimento mais ou menos análogo ao do ano 10 na República Argentina, há sido repetido pelos habitantes do Rio Grande.*” (apud Scheidt, 1999:72). Os rio-platenses, desta forma, identificavam a Revolução Farroupilha com a “Revolução de Maio” de 1810.

A partir da identificação de princípios republicanos entre platinos e rio-grandenses, os textos também sugeriam uma aliança entre as populações rio-grandense e uruguaia. No artigo *Questão Argentina: ordem e liberdade*<sup>13</sup>, publicado em *O Povo*, n.º 133, de 08/01/1840, foi afirmado que, como os rio-grandenses deveriam

---

<sup>12</sup> A reivindicação do “retorno a Maio” é uma típica característica dos integrantes da “geração de 1837”. O grupo construiu a imagem de que a Revolução de Maio fora um marco na “Revolução Americana”, mas o movimento teria sido traído pelos “caudilhos”, especialmente Rosas. Daí, suas alusões quanto ao resgate do pensamento de Maio.

<sup>13</sup> Há um fato curioso em relação a este artigo. Ainda que de autoria de um rio-platense, provavelmente Alberdi, o texto foi originalmente publicado em *O Povo*, na edição número 133. E foi a partir da publicação do periódico rio-grandense, que o texto foi traduzido, novamente, para o espanhol e publicado em *El Nacional*, número 371, de 17/02/1840 e no periódico correntino *El Pueblo Libertador*, número 12, de 09/04/1840. Ambos periódicos rio-platenses, ao publicarem o artigo *Questão Argentina: ordem e liberdade*, indicaram, como fonte, o periódico farroupilha *O Povo*.

(...) ligar-se estreitamente com seus aliados naturais, têm buscado, mais de uma vez não a aliança de Rosas, mas sim a da República Argentina. Porém, Rosas (...) não há dirigido a ouvir os representantes da nova República Rio-Grandense. Nisto tem procedido logicamente: ele daria a metade do território Argentino para livrar esse nome de República, que há envelhecido [sic] por dez anos consecutivos.

(...) Neste sentido, os revolucionários devem (...) dirigir-se ao Governo de Corrientes e ao General Lavalle, que podem considerar-se atualmente como os verdadeiros Representantes da opinião Argentina. (id., ibid.:73-74).

Deste modo, era cobrada uma clara definição dos rio-grandenses como também opositores a Rosas. Também percebemos, nesta última citação, a exclusão de Rosas do que se denominava “República Argentina”, reforçando, mais uma vez, o caráter fortemente político do termo “República” para seus contemporâneos.

Retornando ao texto de Alberdi, percebemos que o autor era um dos principais defensores de alianças da oposição rosista com os republicanos rio-grandenses<sup>14</sup>. Foi, desta forma, com o intuito de promover tais alianças que Alberdi procurou aproximar ideologicamente os rio-platenses aos rio-grandenses. Deste modo, além de valorizar o movimento farroupilha, o autor teceu críticas às Repúblicas americanas, que não estaria apoiando devidamente os rio-grandenses. Assim, Alberdi argumentava que:

Y hoy se levanta una República por sus propios esfuerzos, nada más que en virtud del poder ya invencible de las ideas democraticas, consigue victorias sin auxilios, de nadie, no demanda cooperación a ningún pueblo hermano, y pide solamente una señal de aprobación, un saludo, y no hay una República hermana que se lo conceda (Alberdi, 1960:16).

A despeito da falta de apoio por parte das Repúblicas do Prata, Alberdi encerrou o texto expressando esperanças para os farroupilhas:

Debéis creer también que al alzar la voz del modo que lo he hecho, sobre asuntos tan nuevos y tan graves, solo he manifestado con franqueza lo que esta en el sentido intimo de las poblaciones de las orillas del Plata, y más que en ninguna parte, en los corazones jóvenes de la República Argentina. (id., ibid.:18).

---

<sup>14</sup> Consultar tomo dos escritos póstumos do autor (Alberdi, 1900). Nesta coletânea de cartas e outros escritos, Alberdi demonstra seu posicionamento em favor de alianças com os farrapos rio-grandenses para reforçar a luta contra Rosas. Em um de seus escritos, o autor dizia que: “*Yo excité al general Lavalle a abrir relaciones con los rio-grandenses, [...]*” (id., ibid.:515).

Apesar das críticas aos governantes rio-platenses, o texto de Alberdi foi publicado por *El Nacional*, conforme mencionamos anteriormente. Os editores do periódico, ainda que de forma indireta, fizeram menções às críticas de Alberdi em uma nota explicativa:

Esta escrita, según el sistema peculiar y generoso del autor, y los tópicos que abraza, son de la mayor transcendencia para la suerte de América. Nosotros tenemos ideas especiales sobre este negocio, que motivos de mucha gravedad nos impiden indicar por ahora. El trabajo del Sr. Dr. D.J.B.A. debe ser muy grato para sus amigos los republicanos del Rio Grande. (El Nacional, Montevidéo, n.º 251, de 23/09/1839:2).

Os editores do periódico, entretanto, não esclareceram o que seriam os “motivos de muita gravidade” relacionados à falta de apoio concreto aos rio-grandenses. Em uma outra edição, ao final do mês seguinte, voltaram a mencionar a ausência de apoio claro do governo oriental aos farroupilhas:

La Francia, bajo la restauración en su política manifiesta observó respecto de las colonias que habían sacudido el yugo de la España, una política de observación, de neutralidad; parecida en todo a la que nosotros observamos en la lucha que los Republicanos del Rio Grande sostienen contra el Imperio del Brasil. Política que es muy fácil condenar cuando la revolución ha pasado en bien, cuando ha probado ser benéfica; pero que no puede rechazarse tan de ligero en presencia de una actualidad dudosa y de misterio. (El Nacional, Montevidéo, n. 280, de 30/10/1839:3).

O periódico de Montevidéo, portanto, reproduzia a neutralidade oficial do governo de Rivera a respeito da questão rio-grandense. A publicação de textos como os de Alberdi, em que mencionava-se apoio aos farroupilhas, bem como identidades ideológicas com os mesmos, não deixa de ser, entretanto, uma forma indireta de posicionamento por parte dos editores de *El Nacional*. Ainda que temerosos quanto às possíveis reações do Império brasileiro, daí sua neutralidade oficial, os orientais simpatizavam com a causa rio-grandense. Muito além de princípios ideológicos, uma vitória do movimento rio-grandense seria um enfraquecimento do Brasil, que não havia abandonado seus projetos de reincorporar o Uruguai em seu território. A imprensa de Montevidéo, desta forma, expressou seus posicionamentos favoráveis aos farrapos prioritariamente através de artigos

individuais, como os de Alberdi, e da reprodução de textos dos republicanos rio-grandenses.

Neste sentido, o periódico de Montevideu transcreveu alguns textos políticos de *O Povo*. Na edição de número 261, de 05/10/1839, sob o título de *República del Rio Grande*, o *El Nacional* publicou, em primeira página, uma tradução de *Cidadão*, manifesto dos farroupilhas dirigido aos brasileiros opositores ao Império. Neste texto, os farrapos afirmavam que, ainda que tenham sacudido o jugo europeu, os brasileiros mantiveram a tirania e se recusaram a ser “americanos”. Foi afirmado, também, que as províncias converteram-se em colônias do Império. As acusações de “recolonialismo” por parte do governo imperial brasileiro é análoga às avaliações da “geração de 1837” quanto ao regime rosista, considerado uma “reação do passado colonial”.

Nos princípios da década de 1840, com o crescente declínio do movimento farroupilha, as referências à Revolução rio-grandense praticamente desapareceram da imprensa platina. As notícias passaram a ser mais escassas e, em geral, mencionavam a situação difícil dos farrapos e o declínio do movimento. Concomitante com o declínio farroupilha, a aliança anti-rosista estagnava e começava a recuar, enquanto Rosas consolidava seu poder em Buenos Aires e em muitas províncias do interior. Em tais circunstâncias, alianças mais efetivas com os farrapos ficaram dificultadas, daí o “desinteresse” da imprensa rio-platense pela Revolução Farroupilha.

A convocação de uma Assembléia Constituinte na República Rio-Grandense, em fins de 1842, entretanto, voltou a suscitar o interesse da imprensa rio-platense no movimento dos farroupilhas. O *El Nacional* noticiou que:

El presidente Bentos Gonzales [sic] ha convocado a los habitantes del Rio Grande, que le obedecen, a nombrar una asamblea constituyente de la República de Rio Grande, y anuncia que se va a poner a frente de la administración, quedando encargado del mando del exercito el general Netto. (El Nacional, Montevideu, n.º 1135, de 26/09/1842:2).

O mesmo periódico, em sua edição número 1229, de 17/01/1843, publicou, a partir de uma tradução de *O Americano*, o discurso de Bento Gonçalves na abertura da Assembléia constituinte rio-grandense, em 1º de dezembro de 1842. Neste discurso, foram mencionadas as simpatias das Repúblicas vizinhas e dos brasileiros anti-imperiais à causa

da República Rio-Grandense. O presidente farroupilha afirmou, também, a necessidade de uma constituição para a estabilidade política dos Estados modernos.

Além deste periódico de Montevideu, a constituinte farroupilha foi destacada, também, pela imprensa da província de Corrientes. O periódico *El Nacional Correntino* publicou, inclusive, uma carta de Bento Gonçalves ao governador Pedro Ferré. Nesta carta, o presidente rio-grandense afirmava que:

Yo pretendo que se instale el Congreso Nacional de este Estado [Rio Grande] en el mes de Octubre del año corriente; y al mismo tiempo, pienso dar un golpe mortal sobre el Ejercito Imperial, no solo para desembarazar mi Patria de la presencia de estos monstrios, como también de común acuerdo dirigir nuestros esfuerzos contra el tirano de Buenos Aires, y entonces afirmar solidamente la libertad de nuestros respectivos Países (El Nacional Correntino, Corrientes, n.º 91, de 11/09/1842:1).

A constituinte rio-grandense interessava aos opositores do regime rosista porque a elaboração de uma constituição era uma das reivindicações centrais destes, especialmente através da imprensa correntina. As anteriores tentativas de unificar constitucionalmente o país, tanto em 1819 quanto em 1826, fracassaram, não havendo, durante todo o governo Rosas, nenhuma constituição nacional no território argentino. Assim, a constituição como uma “panacéia”, muito comum aos liberais da primeira metade do século XIX, voltava a ser evocada como salvação para evitar-se tiranias como a do regime rosista. A divulgação do trabalho constituinte em um a República vizinha, desta forma, era uma maneira de se reforçar ideologicamente a luta contra Rosas.

§§§

Em meio a uma conjuntura conflituosa, de imbricamento das lutas políticas de ambos lados das fronteiras, o movimento revolucionário farroupilha, pois, repercutiu tanto no Uruguai quanto nas províncias argentinas. Neste sentido, a imprensa de Montevideu e Corrientes, controladas pelos oponentes de Rosas, foi um dos principais espaços onde os ecos da Revolução Farroupilha fizeram-se ouvir. Os jornais platinos promoviam a divulgação dos acontecimentos do Rio Grande do Sul, bem como reproduziam a ideologia dos farrapos.

Entretanto, este processo não deu-se de forma uniforme. Ao contrário, os acontecimentos do Rio Grande do Sul foram mais intensamente divulgados em conjunturas específicas, especialmente nos anos de 1838 e 1839, período do surgimento e primeiros êxitos da grande coalizão anti-rosista e também de máxima expansão dos farrapos. Com o intuito de fortalecer estas alianças com os farroupilhas, os oponentes de Rosas buscaram, através da imprensa, aproximá-los aos rio-platenses. Neste sentido, procurou-se dar uma identidade platina à Revolução Farroupilha, considerando-a uma continuidade da Revolução de maio. Desde a Independência, o americanismo, associado ao republicanismo, era a ideologia mais marcante dos movimentos revolucionários latino-americanos. Desta forma, a luta dos farroupilhas rio-grandenses contra o último império da América seria a mesma dos “autênticos republicanos” rio-platenses contra a “restauração” rosista. Segundo esta ótica, os farrapos e os opositores ao regime rosista seriam os verdadeiros americanos, defensores da República e da liberdade, enquanto os monarquistas brasileiros e Rosas, que estaria restaurando o “antigo regime”, seriam os representantes do atraso e opressão remanescentes da colonização européia.

Esta aproximação ideológica entre facções do Prata e os farrapos tinha um duplo propósito de promover e justificar as alianças, assim como o de cobrar dos rio-grandenses um apoio mais efetivo na luta contra Rosas. A divulgação do movimento farroupilha pela imprensa platina atendia, em última instância, aos interesses específicos das facções políticas locais que, no momento, era fortalecer a luta contra Rosas.

A partir de 1840, o enfraquecimento tanto dos farroupilhas quanto da guerra contra o governador bonaerense proporcionou uma diminuição de referências à Revolução Farroupilha pela imprensa rio-platense. Sem a perspectiva de ajuda por parte dos farrapos e possivelmente para evitar atritos com o Brasil, o interesse pela Revolução Farroupilha praticamente desapareceu da imprensa de Montevideú. Mudando-se a conjuntura, altera-se também as relações com os farrapos.

O movimento rio-grandense só seria novamente bastante citado, tanto em Montevideú quanto em Corrientes, em 1842, com a instauração da Assembléia Constituinte na República Rio-Grandense. A organização constitucional era uma das principais reivindicações dos oponentes de Rosas, daí a utilização do exemplo farroupilha para

reforçar a luta contra o governador bonaerense, que governava acima das leis e sem uma Constituição.

Os ecos da Revolução Farroupilha, soados na imprensa rio-platense, são mais uma demonstração do quão natural eram a aliança entre facções políticas de lados opostos das fronteiras, em uma conjuntura em que, durante o conturbado processo de construção dos Estados-nação, as identidades nacionais ainda eram pouco relevantes em relação às identidades locais e a identidade americana, mesmo já tendo se passado mais de três décadas desde o início do processo de Independência na região.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERDI, Juan Bautista. *Escritos póstumos. Tomo XV: memorias y documentos*. Buenos Aires: Imprenta Juan Bautista Alberdi, 1900.

\_\_\_\_\_. *La revolución de Mayo: crónica dramática*. Buenos Aires: Establecimientos Graficos Platt, 1960. (original de 1839).

BOTANA, Natalio R. *La tradición republicana: Alberdi, Sarmiento y las ideas políticas de su tiempo*. 2. ed. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1997.

CHIARAMONTE, José Carlos. *Ciudades, provincias, Estados: orígenes de la Nación Argentina (1800-1846)*. Buenos Aires: Ariel, 1997.

\_\_\_\_\_. El problema de los orígenes de los estados hispanoamericanos en la historiografía reciente y el caso del Río de la Plata. *Anos 90. Revista do curso de pós-graduação em História*. Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 1, p. 49-83, 1993.

FLORES, Moacyr. *Modelo político dos farrapos*. 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

GONZÁLEZ BERNALDO, Pilar. La “identidad nacional” en el Río de la Plata post-colonial: continuidades y rupturas com el antiguo régimen. *Anuario del IEHS “Prof. Juan C. Grosso”*, n. 12. Tandil: Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires, p. 109- 122, 1997.

GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. *O horizonte da província: a República Rio-Grandense e os caudilhos do Rio da Prata (1835-1845)*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997. Mimeo.

HALPERIN DONGHI, Tulio. *De la revolución de independencia a la confederación rosista: historia argentina*, t. 3. 4. ed. Buenos Aires: Paidós, 1993.

LAYTANO, Dante de. *História da República Rio-Grandense (1835-1845)*. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1983. (1. ed: 1936).

LEITMAN, Spencer. *Raízes sócio-econômicas da guerra dos farrapos*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

LÓPEZ, Vicente Fidel. *Manual de historia argentina*. Buenos Aires: Vaccaro, 1920.

MAYER, Jorge M. *Alberdi y su tiempo*. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1963.

MYERS, Jorge. *Orden y virtud: el discurso republicano en el régimen rosista*. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1995.

PADOIN, Maria Medianeira. *O federalismo no espaço fronteiriço platino. A revolução farroupilha (1835-1845)*. Tese de doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 1999. Mimeo.

PICCOLO, Helga Iracema Landgraf. O discurso político na revolução farroupilha. *Revista de História do IFCH/UFRGS*. Porto Alegre: UFRGS, v.1, p. 39-53, 1986/87.

\_\_\_\_\_. A guerra dos farrapos e a construção do Estado nacional. In: *A revolução farroupilha: história & interpretação*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985, p.30-60.

\_\_\_\_\_. O processo de independência no Rio Grande do Sul. In: MOTA, Carlos Guilherme (org.). *1822: dimensões*. São Paulo: Perspectiva, 1972, p. 355- 372.

\_\_\_\_\_. O Rio Grande do Sul no processo de descolonização brasileiro. A guerra dos farrapos. *Cuadernos de historia latinoamericana*. Santiago do Chile: N. 6, AHILA, p. 119-137, 1998.

\_\_\_\_\_. *Vida política no século 19*. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 1992.

PORTO, Aurélio. Influências do caudilhismo uruguaio no Rio Grande do Sul. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, III trimestre, p.371-453, 1929.

\_\_\_\_\_. Notas ao processo dos farrapos. *Publicações do Arquivo Nacional*. Rio de Janeiro: Oficinas gráficas do Arquivo Nacional, v. 1, 1933, v. 2, 1934, v. 3, 1935, v. 4, 1937.

PRADO, Maria Ligia Coelho. *América Latina no século XIX: trama, telas e textos*. São Paulo/Bauru: Edusp/Edusc, 1999.

REICHEL, Heloisa Jochims e GUTFREIND, Ieda. *As raízes históricas do Mercosul: a Região Platina colonial*. São Leopoldo: UNISINOS, 1996.

ROSA, José Maria. *La caída de Rosas*. Madri: Instituto de estudios politicos, 1958.



SALA DE TOURON, Lucía e ALONSO ELOY, Rosa. *El Uruguay comercial, pastoril y caudillesco*. Tomo II: sociedad, política e ideologia. Montevideú: Ediciones de la Banda Oriental, 1991.

SCHEIDT, Eduardo. *Concepções de República na Região Platina à época da Revolução Farroupilha*. Dissertação de mestrado. São Leopoldo: UNISINOS, 2000. Mimeo.

\_\_\_\_\_. Idéias da “geração de 1837” na imprensa farroupilha rio-grandense. *Estudos Leopoldenses: série História*. São Leopoldo: v. 3, n.º 1, p.67-78, 1999.

SPALDING, Walter. *A revolução farroupilha*. São Paulo / Brasília: Cia. Editora Nacional, Editora da UnB, 1982. (1. ed: 1936).

VARELA, Alfredo. *História da grande revolução: o cyclo farroupilha no Brasil*. Porto Alegre: Globo, 1933. 6 v.

\_\_\_\_\_. *Revoluções cisplatinas: a República Rio-Grandense*. Porto: Livraria Chardron, 1915. 2 v.